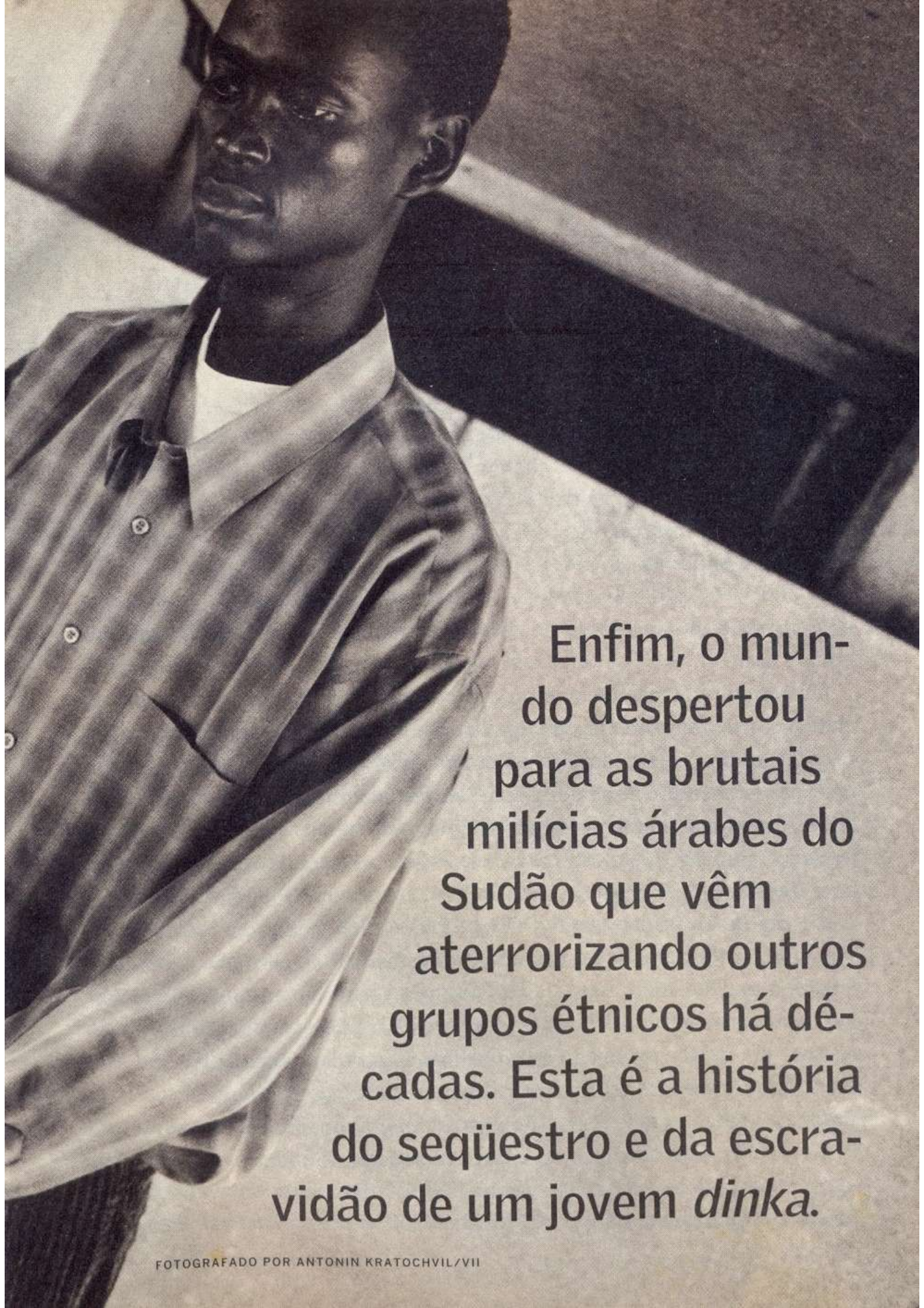


LIVRO DO MÊS

Fuga da escravidão

POR FRANCIS BOK
COM EDWARD TIVNAN



Enfim, o mundo despertou para as brutais milícias árabes do Sudão que vêm aterrorizando outros grupos étnicos há décadas. Esta é a história do seqüestro e da escravidão de um jovem *dinka*.

"LARGUE TUDO E CORRA!"

A fazenda de meu pai vivia repleta de parentes, amigos e amor. Criávamos galinhas e cabras, ovelhas e vacas; tínhamos lindas árvores verdes, com mangas amarelas e cocos tão grandes quanto uma cabeça. Eu achava que meu pai era dono da melhor fazenda em nossa aldeia *dinka*, no Sudão, cerca de 100 quilômetros ao sul do que o mapa chama de Rio Bahr al-Arab, a linha divisória entre o norte e o sul do país.

Morávamos em duas casas – uma para os homens, outra para as mulheres –, feitas de barro e cobertas por telhados de palha em forma de cones. Eu não estudava. Ninguém em minha família recebeu educação formal.

Como a maioria dos meninos, eu passava meus dias brincando e correndo pelos campos. O que eu mais gostava de fazer, porém, era acompanhar meu pai enquanto ele trabalhava na fazenda. Um dia, ele me chamou de *muycharko*, que quer dizer “doze homens”. “Por que você me chamou de *muycharko*?”, perguntei.

Ele riu e explicou que, de todos os filhos, era eu quem trabalhava com mais afinco, o que nunca desistia. Senti as palavras de meu pai inundarem meu corpo e me encherem de felicidade. Eu sonhava em me tornar um grande homem, dono de uma vasta fazenda e de muitas cabeças de gado.

Quando minha mãe me contou que havia instruído algumas crianças da aldeia a levar-me com elas até uma cidade-mercado próxima, enxerguei a ocasião como o passo inicial para me tornar o homem importante que meu pai achava que eu poderia ser. Seria minha primeira ida à cidade sozinho, embora já houvesse estado lá com meu pai nas vezes em que ele ia negociar animais e com minha mãe em dias de feira. Nossa família também freqüentava a igreja católica do lugar.

No dia da feira, os garotos chegaram e minha mãe me aconselhou: “Quando vender algo, dê o dinheiro aos mais velhos para não o perder.” Peguei a mercadoria: duas latas de ovos cozidos e amendoins. Caminhamos por uma estrada poeirenta e logo nos aproximamos do mercado. As pessoas já haviam se alojado à sombra e o lugar cheirava a peixe, frutas e verduras. Os garotos maiores escolheram um lugar sob uma árvore. Fiz algumas vendas e entreguei o dinheiro, como recomendara minha mãe.

De repente, algo mudou. As pessoas começaram a andar mais rápido, falando umas com as outras. Estavam agitadas e algumas apontavam na direção do rio. “Fumaça”, ouvi. “Nas aldeias.” Mais gente entrou na cidade com



novidades. “Talvez os *murahaliins* tenham chegado”, disse alguém. “Queimaram as casas.”

Milicianos árabes, com o apoio do governo, vêm infligindo atrocidades a minorias étnicas no Sudão.

Na minha aldeia eu já ouvira falar desses perigosos homens do norte, que matavam as pessoas e roubavam o gado, mas nunca os vira. Os fregueses começaram a fugir do mercado. Os vendedores recolheram seus pertences. Nesse momento, ouvimos explosões. Todos corriam. “Os *murahaliins* estão chegando!” Para todo lugar que o povo se dispersava, deparava com homens armados entrando na cidade. Primeiro a cavalo, disparando contra as pessoas com rifles. Depois a pé, atirando e desferindo golpes com suas longas facas. Não eram da tribo *dinka*, mas gente de pele mais clara do que a nossa, usando turbantes e túnicas. Atiravam nos homens *dinkas* e os golpeavam com suas espadas, decapitando-os de um só golpe. Eu jamais presenciara tamanha violência nem escutara tantos gritos.

“Corra!”, ouvi. “Largue tudo e corra!” Disparei exatamente na direção de um imenso cavalo montado por um miliciano, que me apontava uma arma. Estaquei; não conseguia me mover. Alguém me agarrou por trás – outro árabe, gritando e brandindo a arma.

Tinha certeza de que ele ia me matar. Por toda parte, avistava pessoas

gritando e caindo. Fui arrastado de volta ao mercado, com outros meninos e meninas. Todos choravam e gritavam pelos pais.

Olhei ao redor procurando ajuda, mas tudo que consegui enxergar foram corpos de homens *dinkas*, o sangue escorrendo deles como água em pequenos rios. Eu nunca havia visto um morto, e naquele momento jaziam ali mais corpos do que eu conseguia contar. Eu queria minha mãe, queria que meu pai me colocasse nos ombros e me levasse para longe daquilo. Meu corpo e minha mente estavam paralisados enquanto eu esperava a morte.

Não havia mais nenhum homem *dinka* de pé e o massacre parecia terminado. Enquanto uns poucos *murahaliins* nos vigiavam, outros começavam a recolher comida e guardá-la em cestos. Um homem me ergueu e me acomodou sobre um jumento. Algumas das mulheres correram para seus filhos, mas os milicianos as espancaram e afastaram.

Quando o carregamento estava terminado, deixamos a cidade. Atrás dos cavaleiros e soldados e de nossos jumentos, marchavam as crianças mais velhas e as mulheres, forçadas a carregar as mesmas mercadorias que vendíamos pouco antes.

ABEED, ABEED

Cavalgávamos na escuridão. Meu coração batia enlouquecido, a cabeça repleta de perguntas. Por que aqueles homens haviam feito aquilo? Para onde me levavam? Meus pais estavam bem?

Durante a noite atravessamos uma floresta e depois paramos num descampado. Eles sentaram as crianças e gritaram conosco em sua língua. Estávamos apavorados e todos ficamos quietos, à exceção de duas irmãs que, em meio às lágrimas, disseram que haviam visto o pai e a mãe serem alvejados e mortos. Um miliciano agarrou a menina mais velha e gritou com ela, tentando assustá-la para que se calasse. Ela não conseguia parar de chorar. Ele puxou-a para o lado, pôs o rifle em sua cabeça e disparou – um disparo que ressoou pela floresta. E, quando o ruído cessou, cessou também o choro da menina.

A irmã menor começou a chorar ainda mais, o corpo sacudido por soluços. Ela estava descontrolada e nosso silêncio só fazia seu choro parecer ainda mais alto. Um dos *murahaliins* golpeou-lhe brutalmente a perna com a espada, amputando-a na altura da coxa. O sangue esguichou sobre

o corpo da menina. Lembro-me disso, mas não consigo lembrar se ela parou de chorar.

Os *murahaliins* começaram a nos repartir entre eles. Um homem me agarrou e empurrou na direção de seu cavalo. Sentou-me atrás da sela e amarrou um cinto de couro ao redor da minha cintura. Implorei-lhe que me deixasse descer, que me deixasse ir para casa, para junto dos meus pais. Mas cavalgamos para longe, meus soluços rompendo o silêncio da noite.

Quando o sol surgiu, notei que o campo estava diferente. As árvores eram pequenas e as pessoas tinham a pele mais clara. Eu estava certo de que naquele momento nos encontrávamos na fronteira com o norte do Sudão, onde meu pai dizia que não viviam *dinkas*, apenas árabes.

Continuamos cavalgando até chegar a uma fazenda. O *murahaliin* saltou do cavalo e me colocou no chão. Três crianças saíram correndo da casa, seguidas da mãe, todos vindo abraçá-lo. As crianças se aproximaram de mim, rindo e conversando, e percebi que o menino mais novo tinha mais ou menos a minha idade. Talvez ficasse meu amigo.

Pareciam felizes e começaram a cantar, entoando a mesma palavra repetidamente: *abeed, abeed, abeed*. Não percebi que carregavam varas até começarem a me bater, incluindo o garoto que eu queria que fosse meu amigo. Tentei aparar os golpes, mas as varas queimavam meus braços como se estivessem em chamas. “Parem”, gritei. “Ajudem-me!” Os pais nada fizeram além de olhar. Meu corpo tremia.

Finalmente o miliciano me conduziu a um pequeno abrigo de barro e apontou para um cobertor no chão. Eu estava exausto e deitei-me, mas não consegui pegar no sono. Disse a mim mesmo que meu pai gostaria que eu fosse forte. Pensava que minha família devia estar preocupada comigo e que meu pai e Buk, meu irmão mais velho, viriam me salvar.

Por fim, adormeci.



É O QUE ACONTECE COM QUEM DESOBEDECE

O sol despertou-me e logo o miliciano e sua mulher chegaram, seguidos dos filhos. As crianças começaram a entoar a canção do *abeed* novamente, apontando para mim e rindo. O homem estendeu-me uma tigela de comida. Embora fosse ruim, comi porque sentia fome.

Por vários dias esperei que alguém viesse me dizer que tudo não passava de um engano. Mas ninguém aparecia, a não ser o miliciano e seus filhos. Logo compreendi que o nome do homem era Giemma Abdullah e o de seu filho mais velho, Hamid. A família possuía cabras e ovelhas, cavalos, camelos e vacas. Certa manhã, quando Giemma e Hamid soltavam os animais, Giemma estendeu-me um pequeno chicote. Eles conduziam os animais para pastar próximo à floresta, e eu sabia que tinha de segui-los. O que não tinha ficado claro para mim era que aquele era meu primeiro dia de escravidão – forçado a trabalhar em troca não de pagamento, mas do lixo resultante do jantar da família e uma ocasional surra do chicote com que Giemma tangia o gado.

Levávamos as cabras para a floresta e, sempre que uma delas se desgarrava do rebanho, Giemma me fazia persegui-la. Rapidamente aprendi que era esse meu trabalho – impedir que as cabras fugissem. Não era fácil correr daquele jeito sob o sol quente.

Quando entramos na floresta, avistei dois garotos negros pastoreando vacas entre as árvores. Hamid também os viu e sabia o que eu estava pensando. Gritou na minha direção e balançou a cabeça. Eu não podia me aproximar dos outros meninos. Ainda assim, constatei que não estava sozinho. Tinha certeza de que eram *dinkas*.

Poucas horas depois, reunimos os animais e os conduzimos a um rio próximo. Havia centenas de animais bebendo e outras centenas esperando a vez. Também havia mais garotos negros. Hamid fez sinal para que eu permanecesse com as cabras e longe dos meninos *dinkas*. No entanto, quando me aproximei, fiquei chocada ao ouvi-los falando árabe.

Esclareci ao menos uma questão: o significado da palavra *abeed*. Hamid referia-se aos outros garotos como *abeed* e logo descobri que tanto queria dizer “negros” como “escravos”.

Todos os dias eu saía com Hamid para continuar meu treinamento como pastor de cabras. Um dia, ele chegou montado em seu cavalo. Cavalgou floresta adentro e eu segui a pé. Mais tarde ele sumiu. Fiquei preocupado, pen-



sando como ia levar os animais de volta ao curral sozinho, mas ele retornou. Isso se tornou parte de nossa rotina. Embora o trabalho de Hamid fosse passar o dia comigo e com os animais, às vezes ele desaparecia em seu cavalo, provavelmente para visitar amigos. Eu nunca sabia quando ele ia sair ou voltar. Sua liberdade mostrava-me que eu não tinha nenhuma.

Como escravo, Francis Bok perdeu a infância nas mãos de um senhor árabe cruel e vingativo.

Recebi uma cama de madeira coberta por folhas de palmeira e um único e fino cobertor. Era uma melhora, se comparado a dormir no chão, mas eu detestava minha vida e detestava tomar conta dos animais de Giemma. Certas manhãs, não queria me levantar. Giemma puxava minhas pernas para fora do cobertor. “Você não quer ficar de pé sobre as suas pernas”, dizia ele, gesticulando para se fazer entender. “Talvez não precise das duas. Vou cortar fora uma delas. Assim pode ficar aqui deitado no chão o quanto quiser.”

Ele dizia isso com tanta frequência que eu encarava suas palavras como uma forma de assustar garotos – até o dia em que Giemma e eu voltávamos das pastagens e avistei um *dinka*. Reparei que ele não tinha uma perna.

– O que houve com ele? – perguntei.

Giemma lançou-me um sorriso e respondeu:

- Eu lhe disse que é isso o que acontece com garotos maus. Ele tentou fugir, foi capturado e avisado. Mas tentou novamente e...

Giemma deu de ombros, como se dissesse que não tivera alternativa. Fiquei olhando o garoto com sua única perna, enquanto Giemma completava:

- É o que acontece com quem desobedece.

"VOCÊ É UM ANIMAL"

Durante várias semanas a rotina foi a mesma: Hamid e eu levávamos as cabras para pastar nas áreas onde havia bom pasto e água. Ele me vigiava enquanto eu corria atrás dos animais desgarrados. Os dias eram longos; eu temia o sol quente e o caos do bebedouro. Quando o sol se punha, voltávamos; eu jantava sozinho e dormia na cabana, com as cabras.

Detestava ser incapaz de entender o que as pessoas diziam. Precisava aprender aquela língua, que parecia um muro de sons estranhos que não faziam sentido. Escutava com atenção tudo que Giemma e seus filhos diziam uns aos outros e, à medida que os dias e as semanas se passavam, começava a distinguir certos sons como palavras.

Descobri que *hanim* era a palavra para "cabras" e que *sahl* significava "capim". Aprendi também uma palavra importante, que todos costumavam repetir - soava como *hop*. As cabras *hop* do capim? Hamid diria que não *hop* de trabalhar com camelos. Portanto, *hop* significava "gostar" ou "amar" e com esse conhecimento eu podia saber do que Giemma gostava e do que não gostava. Aprender a língua passou a ser um de meus poucos prazeres.

Adaptei-me a meu trabalho como ajudante de Hamid. Entretanto, numa ocasião, Giemma apareceu sozinho. Naquele dia eu levaria as cabras para pastar sem Hamid. Conduzi os animais às pastagens. Alguns deles perambulavam fora do alinhamento, mas eu os empurrava de volta. Se perdesse alguma cabra, Giemma ficaria furioso.

Levei-as para pastar sem problemas. Comecei a pensar que talvez fosse bom não ter Hamid a me dar ordens. Mas, antes que pudesse me acostumar com a idéia, vi Hamid sobre seu cavalo na orla da floresta. Viera conferir o que eu estava fazendo. No rio, trabalhei duro para me certificar de que nenhuma de minhas cabras se afastasse e, quando o sol se pôs, reuni os animais e voltei. Giemma não estava satisfeito. "Faltam alguns", disse ele.

Eu não podia acreditar. Giemma contou as cabras, gritou comigo e me

chicoteou. Um vizinho chegou, trazendo os dois animais que faltavam. A raiva de Giemma teve o efeito desejado. Fiquei com tanto medo de perder outra cabra que as vigiava constantemente, nunca permitindo que uma delas se desgarrasse. Tornei-me muito bom naquele trabalho, mas o pavor de que algo saísse errado e me custasse uma surra não me deixava.

Eu tinha tantas dúvidas na cabeça que uma noite fiz uma pergunta a Giemma, em sua língua:

- Por que ninguém *hop* de mim?

Ele me encarou como se uma das cabras tivesse falado de repente.

- E por que você me faz dormir com os animais? - perguntei.

- Onde aprendeu isso? - gritou Giemma, o rosto vermelho de raiva.

Ele me bateu e foi embora. Dois dias depois, apareceu e me disse: "Quer saber por que ninguém gosta de você e por que dorme com os animais? Porque você é um animal."

Aquilo me deixou aturdido. Mas explicava por que ele permitia que as crianças me batessem, por que me alimentava com lixo, por que eu dormia numa cabana semelhante a um curral. Agora eu sabia que minha vida nunca melhoraria com aquela gente. Comecei então a planejar minha fuga.

UM LUGAR PERIGOSO

Mais tarde naquele dia, depois de dar de comer e beber às cabras, pude descansar à sombra e fazer meus planos. Estava aprendendo a língua, o que poderia me auxiliar a conseguir ajuda daquele povo árabe. Mas também precisava conhecer a região. Decidi que todos os dias, quando saísse com os animais, examinaria as redondezas, investigaria as estradas, lembraria onde os homens costumavam cavalgar conferindo seus escravos.

Nas primeiras semanas eu chorava todos os dias. Percebi, porém, que meu choro não traria socorro e decidi substituir as lágrimas pela oração. Não sabia muito a respeito de religião, mas meus pais me haviam dito: "Deus está sempre com você." Sentado sozinho à noite em minha cabana, lembrei-me de que meu pai uma vez afirmara: "Mesmo quando está só, você está acompanhado."

Rezava a Deus quase todos os dias: "Por favor, ajude-me. Amo meus pais e quero um futuro. Não quero morrer."

Existem duas estações no Sudão: a chuvosa e a seca. Cheguei à casa de Giemma durante a seca, em abril ou maio. Depois vieram as chuvas, oca-

sionalmente gotejando através do telhado de minha cabana. Em fevereiro, estava seco de novo e o capim começou a escassear.

“Estamos partindo”, anunciou Giemma um dia, explicando que os animais precisavam comer e as pastagens da região estavam esgotadas. Várias vezes por ano eu ajudava a família a embalar seus pertences a fim de levar os animais a um campo onde o pasto era mais abundante.

Enquanto esperávamos nossa vez no bebedouro no campo de criação, um garoto árabe cumprimentou Hamid. Ao lado do amigo de Hamid se achava um menino *dinka*. Ele sorriu para mim e disse, em árabe: “Que a paz esteja com você.”

Alguns dias mais tarde, eu o vi novamente. Dessa vez ele estava sozinho, assim como eu.

– Está tudo bem com você? – perguntou ele em árabe.

Minha verdadeira resposta gastaria um dia inteiro. Em vez disso, respondi em *dinka* que estava bem.

Ele olhou em volta para se certificar de que ninguém ouvia. Então, em *dinka*, perguntou-me de onde eu vinha. Fiquei feliz em escutar minha língua e constatamos que éramos da mesma região.

– Este é um lugar muito perigoso – avisou-me.

Aconselhou-me a fazer meu trabalho, porque, quando as crianças se queixavam, elas “se feriam”. Contei-lhe que meu senhor e os filhos já haviam me espancado. Ele balançou a cabeça.

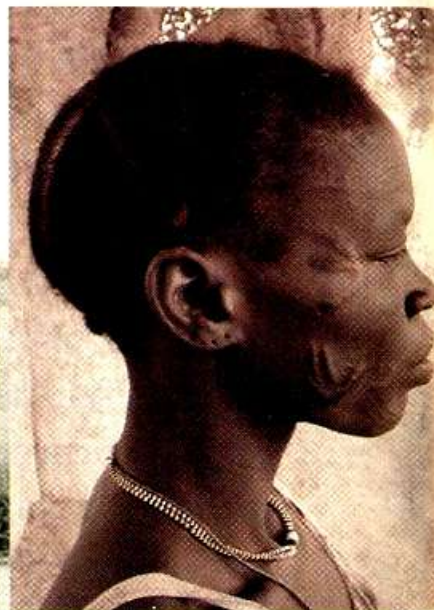
– Vão feri-lo de verdade.

Contou-me que muitas crianças haviam sido feridas ou mesmo baleadas ao tentar escapar. Voltou a falar em árabe.

– Não fale comigo em *dinka* – advertiu. – Vai me causar problemas. Não pensar que estamos planejando algo errado.

Assegurei-lhe que falaria somente na língua deles.

A partir da esquerda: Magok Fiel, que perdeu um braço ao ser capturado; uma jovem cujo rosto foi marcado pelo senhor; e um grupo de crianças escravas resgatadas.



- Preciso voltar ao trabalho - disse ele. - Tenha cuidado - repetiu, e me deixou sozinho com meus pensamentos, que incluíam a imagem do garoto que eu já havia visto, sem uma perna.

Eu estava ciente do quanto minha situação podia piorar e acreditava que Deus velava por mim, como meus pais haviam prometido. Eles provavelmente não teriam me reconhecido, pois, quando examinei a superfície da água para onde havia levado as ovelhas e cabras, um menino mais velho devolveu o olhar. Na ocasião, eu estava quase tão grande quanto



Giemma e mais alto do que Hamid. Disse a mim mesmo que meus pais ficariam orgulhosos. Eu era um bom trabalhador e esperto o bastante para me manter longe de confusão.

Mas Giemma complicou minha vida novamente. "Amanhã, você vai trabalhar com as vacas", anunciou.

Protestei, argumentando que elas eram grandes demais para mim. Giemma, porém, estava decidido e na manhã seguinte conduzimos o gado para pastar. A tarefa não era muito diferente de lidar com cabras e ovelhas, a não ser pelo fato de que, quando as cabras brigavam, era possível apartá-las. Bois e vacas, no entanto, podiam destroçar um homem adulto.

Tempos depois, Giemma também acrescentou os camelos às minhas obrigações. Quando me queixei, mandou-me calar a boca. "Se não quiser trabalhar, posso matá-lo. Ou quem sabe corto suas pernas e você poderá ficar em casa."

"VOU MATÁ-LO AMANHÃ"

Os dias eram sempre iguais: levar as vacas para pastar, agüentar firme sob o sol chamejante para que elas bebessem água, voltar às pastagens, retornar a casa quando o sol se punha. Por ocasião de meu sétimo verão, eu já havia aprendido muito. Sabia que existiam estradas não muito distantes das pastagens e agora eu era fluente na língua de meu senhor.

Entendi que, ainda que permanecesse ali por mais sete anos, minha vida não melhoraria. Meu corpo detestava o trabalho e as pancadas; minha mente detestava o isolamento. Decidi que era hora de agir. “Amanhã vou sair com as vacas como de costume, mas não retornarei.”

Antes do nascer do sol, levei os animais para o pasto e ali os deixei. Disparei na direção de uma estrada próxima e continuei correndo. Após sete anos, eu finalmente havia feito o que sempre sonhara.

De repente, avistei algumas vacas adiante – e um homem a cavalo. Meu estômago se contorceu. Se ele me visse, estaria tudo acabado. Dei meia-volta e comecei a mover-me na direção oposta, esperando retornar à floresta. Em segundos ouvi o cavalo às minhas costas. “Aonde você está indo?”, perguntou o homem.

Minha fuga havia fracassado. O homem me levou à casa de Giemma e, quando ele me viu, um olhar de surpresa cruzou seu rosto. O sujeito sobre o cavalo explicou o que havia acontecido. Giemma agarrou um chicote e começou a me bater. Não protestei. Quando os golpes pararam, ele avisou: “Se tentar novamente, você vai ficar como aquelas crianças que vimos.”

Na manhã seguinte, o próprio Giemma levou o rebanho para pastar. Na outra manhã, eu disse a Giemma que conduziria o gado. Ele me olhou.

“Não tente fugir”, avisou. Assegurei-lhe que não faria aquilo outra vez. Afastei-me com as vacas e passei o dia em minha rotina habitual. Mas, quando o sol começou a se pôr, em lugar de reunir o gado para voltar à casa de Giemma, dirigi-me à estrada de novo. Dessa vez, segui na direção contrária, mantendo-me na floresta, ladeando a estrada que eu via entre as árvores. Cerca de uma hora mais tarde, avistei um riacho onde algumas pessoas se lavavam. Havia também alguns escravos por perto. Achei que podia arriscar um breve descanso. Todos achariam que eu estava trabalhando.

Ajoelhei-me, lançando com as mãos em concha um punhado de água no rosto. Era refrescante. “Estou de partida”, disse a mim mesmo.

Outro sentimento, porém, me invadiu – a sensação de perigo. Virei-me e ali estava Giemma, amarrando o cavalo a uma carroça! Estaria minha mente me pregando uma peça? Seria um pesadelo?

Mas não era sonho. A visão de Giemma era como um soco no estômago. Ele me viu e perguntou:

– O que você está fazendo aqui?

– Só estou bebendo água. As vacas estão ali.



Francis Bok hoje: "Eu me recusava a continuar vivendo como escravo."

- Onde? - Giemma olhou ao redor, sem ver sinal dos animais.

- Não estão longe - menti.

- Vamos buscá-las - disse Giemma.

Sáímos, então, à procura do gado. Acho que a princípio Giemma realmente acreditou em mim - ele não imaginava que eu fosse louco o bastante para tentar fugir dois dias após ter sido capturado e surrado. Entretanto, como continuávamos a andar e as vacas não apareciam, Giemma ficou irritado.

- Você tentou fugir de novo.

Fiquei calado e esperei que ele me espancasse, mas tudo que ele fez foi dizer:

- Vamos para casa.

Ao chegarmos, ele me xingou e golpeou várias vezes. Depois me levou a um cômodo e me jogou no chão. "Esta vai ser sua última noite!", gritou, e amarrou minhas mãos às costas com uma tira de couro cru. Em seguida, amarrou minhas pernas.

Fiquei sentado ali, com raiva da minha estupidez. Minhas mãos e meus

pés começaram a doer. Não importava o quanto eu tentasse afrouxá-la, a tira de couro parecia apertar cada vez mais. Giemma voltou, trazendo o chicote e o rifle. Apontou a arma na minha direção e disse: “Vou matar você amanhã.”

Enquanto esperava pelo disparo, eu me perguntava se iria doer.

Ele abaixou o rifle e saiu. Chorei, primeiro de alívio e depois por ser aquela minha última noite sobre a Terra.

UMA PROMESSA VERDADEIRA

Não me lembro de ter dormido naquela noite; lembro-me somente da raiva, do medo e das orações. Ainda estava escuro lá fora quando Giemma voltou. Notei que não trazia a arma. Começou a me desamarrar e disse:

- Se tornar a fugir, vou matá-lo. Prometo.
- Não vou fugir de novo - assegurei.
- Não quero matar você. Você cuida bem das minhas vacas.

Sentei-me na cabana, esperando que Giemma não mudasse de idéia. Eu não pensava mais em fugir. O medo que sentira naquela noite tomara conta de mim.

Sempre que Giemma chegava, meu coração disparava.

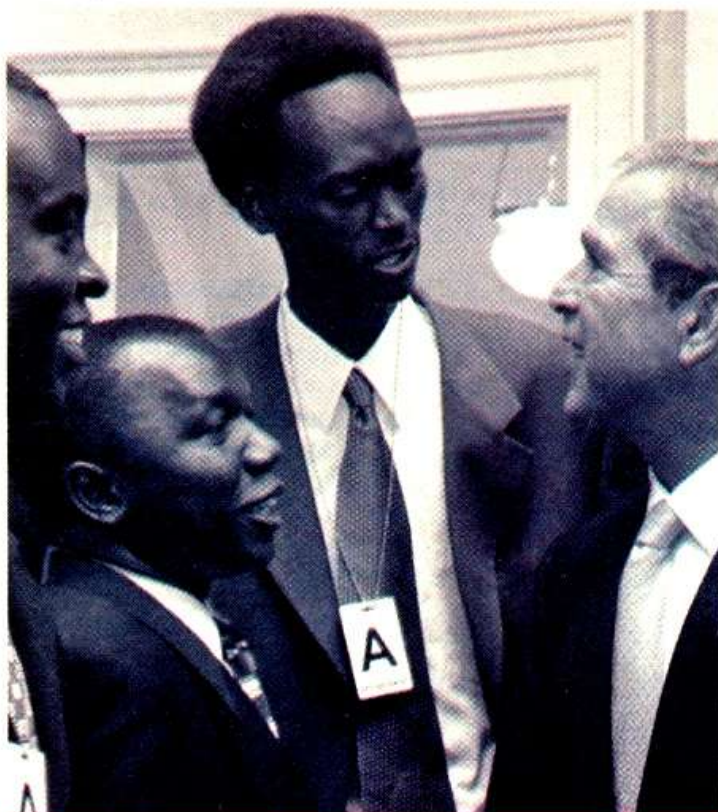
- Não vai tentar de novo?
- Não - prometi.

E não estava mentindo. Não estava pensando em fugir. Fazê-lo era recordar como estivera perto de morrer.

Três dias depois de minha tentativa de fuga, Giemma ordenou-me que voltasse ao trabalho. Percebi que ele podia me considerar um “animal”, mas gostava de seus animais. Eu ia me esforçar para ser o animal mais útil na propriedade. Meu trabalho tornou-se minha tábua de salvação.

Apesar de não ter mentido quando disse a Giemma que não tornaria a fugir, acabei chegando à conclusão de que, enquanto o sofrimento e o medo iam e vinham, o único sentimento que nunca me deixava era o desejo de abandonar aquele lugar, onde eu era obrigado a trabalhar e a viver como um bicho. Viver com aquela gente não seria, afinal, uma espécie de morte?

Meu novo plano era esperar mais três anos antes de tentar uma nova fuga. Não sei por que me decidira pelos três anos. No entanto, precisava reconquistar a confiança de Giemma. Além disso, dali a três anos faria 17



Francis Bok com o presidente americano, George W. Bush, na assinatura do acordo de paz do Sudão, na Casa Branca.

e estaria mais forte, mais esperto e mais bem preparado para escapar.

Fiz 15, 16 e, enfim, 17 anos. Estava mais alto do que Giemma. Podia caminhar e correr durante horas. Meu corpo era forte, assim como minha mente. Estava certo de que me tornara o homem que meu pai sonhara: eu era um *muycharko*.

Meu plano era partir nas primeiras horas da manhã e ficar fora de vista na floresta até alcançar a cidade-mercado de Mutari. Sabia que estrada seguir. Prometi a mim mesmo que daquela vez não desistiria. Se fosse capturado, lutaria. Re-

cusava-me a continuar vivendo como escravo.

Naquela manhã, afastei-me com as vacas como de costume. Assim que elas começaram a pastar, corri o mais rápido que pude, cobrindo a maior distância possível através da floresta, margeando a estrada na direção de Mutari. Ninguém me parou. Eu estava mais distante da casa de Giemma do que jamais estivera em dez anos. Sentia calor, cansaço e sede, mas também alívio e uma espécie de excitação.

Cheguei a Mutari antes do pôr-do-sol. Entrei na cidade e vi outros *dinkas* com seus senhores, mas ninguém pareceu suspeitar de que eu fugira do meu. Permiti-me apreciar o novo sentimento de estar por conta própria. Eu era livre!

Decidi procurar a polícia e segui para uma construção térrea, de barro. Um policial estava sentado a uma escrivaninha. “Preciso de ajuda”, eu disse. Ele me levou a outro homem, a quem contei que havia fugido e que queria encontrar algumas pessoas do sul. Ele me conduziu a uma sala de espera, onde permaneci por várias horas, até que outro policial me levou para a cozinha: “Arrume”, ordenou ele.

UM NOVO LAR

Nos dois meses seguintes, trabalhei na polícia de Mutari como ajudante de cozinha. Eles me alimentavam e eu trabalhava e dormia na cozinha. Quando me dei conta de que não me ajudariam, abandonei a delegacia num dia de feira e desapareci no meio da multidão. Os caminhões carregavam a mercadoria na orla da área do mercado. Tinha esperanças de que um deles me conduzisse para fora de Mutari. Um homem chamado Abdah deixou que eu subisse em seu caminhão e me escondesse atrás da carga. Ele me levaria para sua cidade, mas advertiu-me de que eu correria perigo. Convidou-me para ir à casa dele.

“Não se preocupe”, disse ele. “Quero que fique em segurança.”

Por dois meses vivi com Abdah, sua mulher e seus dois filhos. Ela me dava a mesma comida que preparava para o marido e as crianças. Tratava-me como se eu fosse um amigo ou parente. Abdah e a mulher acreditavam que nenhum muçulmano tinha o direito de escravizar outros seres humanos.

Abdah perguntou a amigos se poderiam me dar uma carona até a capital, Cartum, mas ninguém queria correr o risco de levar um escravo fugido. Por fim, Abdah resolveu que o melhor para mim era tomar o ônibus. “Vou comprar a passagem.”

Cheguei a Cartum no fim da tarde. Encontrei um *dinka* na estação rodoviária e perguntei-lhe como poderia seguir para o local onde viviam as pessoas do sul. “Estou indo para lá agora”, disse ele. “Venha comigo.”

Minhas orações haviam sido atendidas. Eu estava vivo, livre e, pela primeira vez desde que era uma criança pequena, sentia-me seguro.

Fui para o campo de refugiados nos arredores de Cartum, onde procurei meus pais. Não sabia se haviam sido mortos, escravizados ou se estavam num campo de refugiados no Quênia ou ali na capital. Conteí às pessoas o que havia acontecido, como fora escravizado por dez anos. Pouco tempo depois dois homens vieram me ver. “Soubemos que você está fazendo afirmações contra o governo”, disseram, e me levaram para a delegacia.

O governo negava a existência de escravidão no Sudão e não permitiria que um *dinka* de 17 anos contasse a todo mundo que vivera escravizado por dez anos. Fui preso e detido por sete meses e depois libertado. Nunca soube por quê. Mas jurei fazer tudo que pudesse para fugir do país.

Com a ajuda de amigos do sul, consegui os papéis necessários no mercado negro. Tomei um trem para o norte, em seguida um barco que me

conduziu Nilo acima, cruzando a fronteira egípcia, e peguei outro trem até o Cairo. Lá, fui aceito como refugiado da ONU e, em agosto de 1999, recebi permissão para ir para os Estados Unidos. Por fim, soube que meus pais e minhas duas irmãs haviam sido assassinados, mas meu irmão mais velho, Buk, sobrevivera. Após 13 anos, conversei com ele por telefone.

Hoje trabalho para o Grupo Americano Antiescravidão (AASG), que luta contra a escravidão no Sudão e no mundo. Minha tarefa é contar como fui seqüestrado, espancado, tratado como animal e forçado a trabalhar por dez anos, até conseguir fugir.

Fiz palestras em igrejas e escolas, e testemunhei perante o Senado dos Estados Unidos. Finalmente, conseguimos a aprovação, em Washington, do acordo de paz no Sudão. Ela reconhece o problema da escravidão, fornece ajuda ao sul do Sudão e impõe sanções ao governo caso fique provado que Cartum não negocia a paz de boa-fé.

Algum dia espero voltar ao Sudão, mas provisoriamente continuo a trabalhar pelo AASG e por meu povo, enquanto dou prosseguimento à minha educação. É um trabalho árduo, mas ainda estou na casa dos 20 anos e tenho muito tempo e energia. Sempre que a vida fica difícil, penso em meu pai, que dizia que, quando eu crescesse, realizaria feitos importantes. “Você é meu *muycharko*”, disse ele. “Doze homens.”

UM TESTE PARA VOCÊ

Dirigindo numa noite de tempestade, você vê três pessoas esperando o ônibus num ponto: uma mulher idosa, prestes a morrer; um velho amigo que um dia lhe salvou a vida; e a pessoa perfeita com quem sempre sonhou.

Quem você escolheria, sabendo que em seu carro só caberia um passageiro? Salvaria a mulher idosa ou levaria o velho amigo porque um dia ele lhe salvou a vida? Mas lembre-se de que você pode nunca mais encontrar o amor de seus sonhos!

Esse enigma foi apresentado a 200 candidatos a um único emprego. O que foi contratado respondeu:

– Eu daria as chaves do carro ao meu amigo e o deixaria levar a mulher idosa para o hospital. Então ficaria ali esperando o ônibus com a mulher de meus sonhos.



DICK BREIT, EUA